

as brumas de avalon
o prisioneiro da árvore – livro IV
marion zimmer bradley

Tradução de Gabriela Alves Neves



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



O
PRISIONEIRO
DA ÁRVORE



A chuva não parara de cair, dia após dia, nas longínquas colinas de Gales do Norte, e o castelo do rei Uriens parecia imerso no nevoeiro e na humidade. As estradas tinham lama até à altura dos tornozelos e os vaus tinham desaparecido sob as águas dos rios, que se precipitavam, transbordando, pelas montanhas abaixo. Um frio húmido percorria todo o campo. Morgaine, embrulhada numa capa e num xaile pesado, sentia os dedos dormentes e vagarosos ao manusear a lança-deira no tear. De súbito, endireitou-se, sobressaltada, deixando-a cair das mãos frias.

— O que foi, mãe? — perguntou Maline, pestanejando ao ouvir o barulho que ressoara no salão tranquilo.

— Há um cavaleiro na estrada — disse Morgaine. — Temos de nos preparar para o receber. — Depois, ao ver o ar perturbado da nora, amaldiçoou-se: mais uma vez se deixara cair naquele estado de semitranse, coisa que lhe acontecia agora quase sempre quando se entregava às tarefas femininas. Há muito que deixara de fiar, mas tecer, coisa de que gostava, havia-lhe parecido uma atividade segura, desde que se mantivesse bem desperta e não se deixasse sucumbir à sonolência, tão parecida com um estado de transe, que a sua monotonia provocava.

Maline estava agora a olhar para ela com aquela expressão, meio desconfiada, meio exasperada, que as inesperadas visões de Morgaine sempre lhe suscitavam. Não que pensasse que havia nelas algo de diabólico, ou

sequer de mágico — era apenas a maneira de ser, um bocado estranha, da sogra. Mas se fosse falar no assunto ao padre, ele viria de novo ter com ela, tentando ser sutil e perguntando-lhe quando é que tais visões lhe apareciam: ela teria de ostentar, mais uma vez, o seu arzinho de mulher dócil e suave e de dizer que não sabia de que é que ele estava a falar... Um dia, havia de estar tão farta ou tão desprevenida que se abriria com o padre e, então, ele teria realmente alguma coisa de que falar...

Bem, o que estava feito, estava feito, e já não se podia remediar. Ela dava-se razoavelmente com o padre Eian, que fora o tutor de Uwayne. E, para padre, até era um homem educado.

— Avisa o padre de que o seu pupilo estará aqui à hora do jantar — disse Morgaine. Mais uma vez, percebeu que falara sem pensar; sentira que Maline tinha estado a pensar no padre e respondera ao pensamento de Maline. Saiu do quarto, deixando a nora de olhos arregalados.

Durante todo o inverno, que fora duro, com chuva, neve e tempestades frequentes, nem um único viajante ali tinha chegado. Morgaine não se atrevia a fiar, pois isso abria demasiadamente depressa as portas ao transe. Agora, parecia que tecer começava a dar o mesmo resultado. Ocupava-se diligentemente a confecionar fatos para todas as pessoas da casa, desde Uriens ao bebé mais novo de Maline, mas a costura perfeita já era difícil para os seus olhos. No inverno, não podia ir colher ervas e plantas medicinais, e era pouco o que conseguia fazer com tisanas e remédios. Não tinha companhia. As suas aias eram as mulheres dos homens de armas de Uriens e eram ainda mais estúpidas do que Maline. Nenhuma delas era capaz de soletrar sequer um verso da Bíblia, e sentiam-se chocadas por Morgaine ser capaz de ler e escrever e saber um pouco de grego e latim. Também nem sempre podia sentar-se junto da sua harpa. Assim, passara o inverno num misto de tédio e impaciência... o que era o pior, pensava ela, porque a tentação estava sempre presente, levando-a a sentar-se a fiar e a sonhar, deixando a mente deslizar para longe, até Camelot, para seguir Arthur, ou Accolon, que aí tinha uma missão a cumprir.

Tinha-lhe ocorrido, havia três anos, que Accolon deveria passar na corte o tempo suficiente para que Arthur o conhecesse bem e nele pudesse confiar. Accolon tinha as serpentes de Avalon nos pulsos, o que poderia vir a representar um elo de valor inestimável entre ele e Arthur. A saudade que sentia de Accolon era como que uma dor constante. Na sua presença, era aquilo que ele sempre via nela — a sacerdotisa suprema, confidente das suas vitórias e de si próprio. Mas isso era um segredo só dos dois. Durante

as longas temporadas solitárias, Morgaine sentia frequentes dúvidas e receios. Afinal não seria mais do que aquilo que Uriens pensava dela? Uma rainha solitária que começava a envelhecer, com o corpo, o espírito e a alma a murcharem e a ficarem secos?

No entanto, mantinha todo o governo da casa com mão firme, e governava o povo do campo e as pessoas do castelo de tal modo que todos iam ter com ela em busca de conselhos e explicações. Nos campos em volta, dizia-se: *A rainha é sabedora e sensata. Nem o rei faz alguma coisa sem o seu consentimento.* O povo das Tribos sabia-o, quase a adorava, embora não se atrevesse a aparecer com muita frequência no antigo culto.

Nas cozinhas, tratou de tudo o que era preciso para um jantar de festa (ou, pelo menos, tão próximo disso quanto possível, tendo em conta as provisões que ainda lhes restavam ao fim de um longo inverno, com as estradas cortadas). Dos armários fechados à chave, tirou algumas das provisões que guardava como um tesouro: uvas e frutos secos, e algumas especiarias para temperar o que restava de presunto. Maline iria dizer ao padre Eian que se esperava Uwayne no salão para jantar; quanto a ela, trataria pessoalmente de arranjar Uriens.

Subiu até ao quarto dele, encontrando-o a jogar preguiçosamente aos dados com um dos seus homens de armas. O quarto cheirava a bafio e o ar estava viciado; precisava de ser arejado. *Pelo menos o longo período em que teve de estar de cama com a pneumonia, este inverno, fez com que não esperasse que eu fosse partilhar a minha cama com ele. Ainda bem,* pensou Morgaine desapaixadamente, *que Accolon passou este inverno com Arthur, em Camelot; podíamos ter-nos arriscado de mais e ter sido descobertos.*

Uriens pousou o copo dos dados e olhou para ela. Estava mais magro, desgastado pela prolongada luta contra a febre. Dias houvera em que Morgaine chegara a pensar que Uriens não ia viver, e lutara por isso, valentemente, pela sua vida, em parte porque, apesar de tudo, gostava dele e não o queria ver morrer e, em parte, porque Avalloch lhe teria sucedido no trono assim que ele morresse.

— Não vos vi durante todo o dia. Tenho estado sozinho, Morgaine — disse Uriens, numa censura rabugenta. — Não sinto nem metade do prazer em olhar aqui para o Huw.

— Ora — disse Morgaine, adotando o tom de voz de gracejo de que Uriens tanto gostava —, deixei-vos sozinho de propósito, por pensar que, à medida que ides envelhecendo, é natural que comeceis a gostar de rapazes

novos e bonitos... Se não o quereis, meu marido, quer dizer que posso ficar com ele para mim?

— Estais a fazer o pobre homem corar — disse Uriens, soltando uma gargalhada. Depois continuou, sorrindo, bem-humorado: — Mas se me deixais aqui sozinho o dia todo, que hei de fazer senão olhos de carneiro mal morto para ele, ou para o cão, para passar o tempo?

— Pois bem, trago-vos boas notícias. Hoje, ides ser transportado lá para baixo, e jantais no salão... Uwaine vem a caminho e deve cá chegar antes da hora da ceia.

— Ora, louvado seja Deus! — disse Uriens. — Este inverno, cheguei a pensar que ia morrer sem voltar a ver nenhum dos meus filhos.

— Accolon deve vir para as festas do solstício de verão. — E Morgaine sentiu no corpo um aperto de fome violento, como que uma dor, ao pensar nas fogueiras de Beltane, que seriam daí a apenas dois meses.

— O padre Eian esteve aqui a tentar convencer-me a proibir os rituais — rabujou Uriens. — Estou cansado de lhe ouvir queixas. Meteu-se-lhe na cabeça que, se mandarmos abater o bosque de carvalhos, o povo terá de se contentar com a bênção que dá aos campos, sem desviar a atenção para as fogueiras de Beltane. É verdade que parece haver, cada ano, mais adeptos do velho culto. Eu tinha pensado que, à medida que o povo antigo fosse morrendo, ano após ano, iria diminuindo também esse culto. Estava decidido a deixá-lo morrer aos poucos, com o povo antigo, que não se consegue adaptar aos novos hábitos. Mas, se os jovens se estão a voltar de novo para o culto pagão, temos de fazer qualquer coisa... Talvez realmente mandar abater o bosque...

Se o fizeres, ainda mato alguém, pensou Morgaine; mas, quando falou, foi com suavidade e bom senso:

— Isso não seria bom. Os carvalhos fornecem alimento para os porcos e alimento para o povo dos campos. Até mesmo aqui no castelo tivemos de utilizar farinha de bolota numa época má. E o bosque já existe há centenas de anos... As árvores são sagradas.

— Também já pareceis demasiado pagã, Morgaine.

— Sois capaz de dizer que o bosque de carvalhos não é trabalho de Deus? — retorquiu ela. — Porque haveríamos de punir árvores inofensivas, só porque há homens insensatos que fazem uso delas de uma forma que não agrada ao padre Eian? Pensei que amáveis a vossa terra.

— Bem, e amo mesmo — disse Uriens, rabugento. — Mas Avalloch também diz que o devia mandar cortar, para que os pagãos deixassem de ter lugar onde se reunir. Podíamos construir lá uma igreja, ou uma capela.

— Mas os antigos também são vossos súbditos — disse Morgaine — e na vossa juventude vós próprio consumastes o Grande Casamento com a terra. Sereis capaz de privar o povo antigo do bosque que representa a sua alimentação, o seu abrigo e a sua capela, construída pelas próprias mãos de Deus e não pelos homens? Sereis capaz de os condenar, assim, à morte pela fome, como aconteceu em algumas das terras desbravadas?

Uriens olhou para os seus pulsos velhos e deformados. As tatuagens azuis estavam quase completamente desvanecidas: não passavam de manchas ténues.

— Com razão vos chamam Morgaine das Fadas... O povo antigo não podia ter melhor defensora. Já que o pedis, senhora minha, pouparei o bosque enquanto for vivo. Mas depois de mim, Avalloch pode fazer o que quiser. Sois capaz de me passar os meus sapatos e o fato, para que possa ir jantar ao salão como um rei e não como um velho decrépito em roupão e chinelas?

— Com certeza — disse Morgaine —, mas não consigo levantar-vos; terá de ser o Huw a vestir-vos.

Quando o homem acabou o seu trabalho, ela penteou os cabelos de Uriens e chamou o outro escudeiro, que já estava à espera do rei. Os dois homens ergueram-no, fazendo uma cadeirinha com os braços, e levaram-no até ao salão, onde Morgaine colocou almofadas na cadeira alta e ficou a vê-los sentar o velho corpo débil.

Nessa altura, começou a ouvir barulho de criados que corriam de um lado para o outro e de cavaleiros no pátio de entrada... *Uwaine*, pensou, quase não levantando os olhos, enquanto o jovem era escoltado até ao salão.

Era difícil acreditar que aquele cavaleiro, jovem e alto, de ombros largos e com uma cicatriz vermelha numa das faces, era o mesmo rapazinho esgalgado que viera ter com ela como um animalzinho selvagem, naquele primeiro ano de desespero e solidão que passara na corte de Uriens. *Uwaine* beijou a mão do pai e, depois, curvou-se diante de Morgaine.

— Meu pai. Querida mãe...

— É bom voltar a ver-te em casa, rapaz — disse Uriens. Mas os olhos de Morgaine estavam fixos no outro homem que o seguira até ao salão. Por um momento, não pôde acreditar: era como se estivesse a ver um fantasma... *Se ele estivesse aqui realmente, eu já o teria percebido por meio da Visão...* Depois, compreendeu: *Tenho tentado de tal maneira não pensar em Accolon, com medo de dar em doida...*

Accolon era mais magro do que o irmão e não tão alto. Os seus olhos

fitavam Morgaine como setas, num olhar furtivo e rápido, enquanto se ajoelhava diante do pai; mas dominou a voz quando se voltou para ela:

— É bom estar de novo em casa, senhora...

— É bom ter-vos aqui — disse ela, com firmeza — a ambos. Uwaine, conta-nos como arranjuste essa horrível cicatriz na cara. Desde a derrota do imperador Lucius, pensei que todos os homens tinham jurado a Arthur que não arranjariam mais problemas!

— O habitual — disse Uwaine, ligeiramente. — Foi um bandido que se apropriou de uma fortaleza abandonada, e se divertia a pilhar os campos em volta e a intitular-se rei. O filho de Lot, Gawaine, foi comigo e solucionámos rapidamente a questão; Gawaine ainda arranjou uma mulher, depois do caso solucionado, uma viúva, dona de ricas terras. Quanto a isto — e tocou ao de leve na cicatriz —, enquanto Gawaine combatia o senhor, eu lutava contra o escudeiro, um bastardo horrível que combatia com a mão esquerda e me apanhou desprevenido. Era trapalhão, ainda por cima; prefiro sempre lutar com um bom espadachim em vez de um mau, seja em que caso for! Se estivesseis lá, mãe, não tinha ficado com uma cicatriz destas. O cirurgião que me coseu a ferida tinha umas mãos de cavador! Estragou-me assim tanto a aparência?

Morgaine estendeu a mão e tocou ao de leve na face do enteado.

— Para mim, hás de ser sempre bonito, meu filho. Mas talvez ainda possa fazer alguma coisa... Está inchada e a supurar. Antes de me deitar, faço-te uma cataplasma para lhe pores em cima e poder sarar melhor. Deve doer-te.

— Dói — admitiu Uwaine. — Mas acho que tive sorte em não ter apanhado o tétano, como aconteceu a um dos meus homens. Mas que morte horrível! — Estremeceu. — Quando o ferimento começou a inchar, pensei que me tinha acontecido o mesmo, mas o meu bom amigo Gawaine disse-me que, enquanto pudesse beber vinho, não corria perigo... e fez com que tivesse sempre bastante por perto. Juro que estive bêbado durante quinze dias, mãe! — Soltou uma ruidosa gargalhada. — Era capaz de dar todo o saque do castelo daqueles bandidos por uma tigela da vossa sopa... Não conseguia mastigar pão, nem comida seca, e quase morri de fome. Até perdi três dentes...

Morgaine levantou-se e foi examinar a ferida.

— Abre a boca. Sim — disse ela, fazendo sinal a um dos criados. — Tragam um pouco de guisado para Sir Uwaine, e fruta cozida também. — Depois, dirigindo-se ao enteado: — Não deves sequer tentar mastigar alimentos duros durante um certo tempo. Depois da ceia, vou tratar de ti.

— Não digo que não, mãe. Continua a doer-me imenso, e além disso há uma rapariga na corte de Arthur... Não quero que fuja de mim como se eu fosse o Diabo. — Deu uma risadinha.

Mas, apesar das dores do ferimento, comeu copiosamente e contou histórias da corte de tal maneira que, a certa altura, estavam todos a rir. Morgaine não ousava desviar a atenção do enteado, e durante toda a refeição sentiu os olhos de Accolon pregados nela, aquecendo-a como se estivesse agora ao sol, depois do frio do inverno.

Foi uma refeição alegre. Por fim, Uriens começou a dar sinais de cansaço, e Morgaine chamou os seus criados pessoais.

— É o primeiro dia em que deixais o leito, meu marido. Não deveis cansar-vos demasiado.

Uwaine pôs-se de pé e disse:

— Deixai-me levar-vos, pai. — Baixou-se e tomou o pai nos braços, erguendo-o como se fosse uma criança. Morgaine seguiu-os, mas antes de sair do salão, disse:

— Maline, olha pelas coisas aqui, por favor. Vou tratar da cara de Uwaine antes de ir para a cama.

Passado pouco tempo, já Uriens estava metido na cama, no seu quarto. Uwaine ficou de pé ao lado da cama do pai, e Morgaine foi até à cozinha para ferver os ingredientes necessários à cataplasma. Teve de acordar o cozinheiro para que aquecesse mais água no fogo da cozinha... Devia arranjar uma braseira e um caldeirão para os seus aposentos, se ia dedicar-se àquele género de trabalho. Porque é que nunca tinha pensado nisso antes? Voltou a subir e fez sentar Uwaine de maneira a poder aplicar-lhe a cataplasma na face, com um pano quente onde tinha embrulhadas as ervas fumegantes. O rapaz suspirou de alívio, à medida que a cataplasma começava a fazer sair o pus da ferida infetada.

— Oh... sabe bem, mãe... A rapariga da corte de Arthur não ia saber fazer isto. Quando me casar com ela, mãe, podeis ensinar-lhe um pouco das vossas artes? O nome dela é Shana e é da Cornualha. Era uma das aias da rainha Isotta. Como é que Marcus se intitula rei da Cornualha, mãe? Pensava que Tintagel vos pertencia.

— E pertence, meu filho. Foi-me deixado por Igraine e pelo duque Gorlois. Não sabia que Marcus pensava que era o rei — disse Morgaine. — Será que ele se atreve a dizer que Tintagel lhe pertence?

— Não, pelo que ouvi, não tem lá ninguém dos seus — disse Uwaine. — Sir Drustan foi exilado para a Bretanha...

— Porquê? Era um dos homens do imperador Lucius? — perguntou Morgaine. As histórias da corte eram como um sopro de vida no marasmo daquele lugar isolado.

— Não — disse Uwayne, abanando a cabeça. — Dizia-se que ele e a rainha Isotta gostavam demasiado um do outro. Também, acho que não se pode censurar muito a pobre senhora... A Cornualha fica no fim do mundo; o duque Marcus é velho e rabugento, e os criados de quarto dele dizem até que é impotente. Devia ser uma vida dura para a pobre senhora; Drustan é belo e toca harpa, e ela gosta imenso de música.

— Não tens outras histórias da corte que não sejam sobre maldade, ou sobre as mulheres dos outros? — perguntou Uriens, franzindo o sobrolho, e Uwayne soltou uma gargalhada. Depois, disse:

— Bem, eu disse a Lady Shana que o pai dela podia mandar-vos um mensageiro para falar convosco e espero, querido pai, que, quando ele chegar, não vos recuseis a recebê-lo. Shana não é rica, mas eu não preciso muito de um dote; ganhei bastantes bens na Bretanha. Hei de mostrar-vos parte do meu saque, e trouxe presentes também para vós, mãe. — Levantou a mão para afagar a face de Morgaine, que se curvava sobre ele para substituir o pacho da cataplasma por outro fresco. — Bem, eu sei que vós não sois como Lady Isotta. Não virais as costas ao meu bom pai, nem vos portais mal.

Morgaine corou até as faces lhe doerem. Debruçou-se sobre o caldeiro que continha as ervas fumegantes, franzindo o nariz ao cheiro acre. Uwayne pensava que ela era a melhor das mulheres, e a confiança que ele tinha em si era-lhe bem agradável. Contudo, sentia a amargura de saber que não a merecia.

Pelo menos, nunca fiz com que Uriens fizesse papel de parvo, nem me pavoneei com nenhum amante nas barbas dele...

— Mas deveis ir até à Cornualha, quando o pai estiver suficientemente bom para viajar — disse Uwayne com seriedade, estremecendo um pouco, quando o calor do novo pacho atingiu um outro ponto da face ferida. — Deveis tornar bem claro, mãe, que Marcus não pode reclamar como seu aquilo que vos pertence. Há já tanto tempo que não ides a Tintagel, que o povo comum pode começar a esquecer-se de que tem uma rainha.

— Tenho a certeza de que não chegaremos a tanto — disse Uriens. — Mas este verão, se estiver suficientemente forte, vou pedir a Arthur, quando lá for pelo Pentecostes, que me dê o seu conselho sobre esse assunto das terras de Morgaine.

— E se Uwaine se casar na Cornualha — disse Morgaine —, tomará conta de Tintagel por mim. Gostavas de ser meu castelão, Uwaine?

— Não há nada de que eu gostasse mais — disse Uwaine —, com exceção, talvez, de poder dormir esta noite sem sentir várias dores de dentes dispersas na cara.

— Bebe isto — disse Morgaine, deitando um pouco de um dos seus remédios, que tinha dentro de um frasquinho, no copo de vinho dele. — Posso garantir-te que vais dormir bem.

— Era capaz de dormir mesmo sem isso, penso eu, senhora, pois estou tão contente por estar em casa, na minha cama, e entregue aos cuidados da minha mãe! — Uwaine baixou-se, beijou o pai e, em seguida, a mão a Morgaine. — Mas é de bom grado que tomo o vosso remédio. — Engoliu o vinho com o remédio, e fez sinal a um dos homens de armas de Uriens para lhe alumiar o caminho até ao quarto. Accolon aproximou-se e beijou o pai. Depois disse:

— Também eu me vou deitar... senhora, há lá almofadas, ou o quarto está vazio e por arranjar? Há tanto tempo que não venho a casa que não me admirava se houvesse lá pombos e ninhos, naquele velho quarto onde eu costumava dormir, e onde o padre Eian tentava meter-me o latim na cabeça à força de palmadas no rabo.

— Disse a Maline que fosse ver se tinhas tudo o que precisas — disse Morgaine —, mas vou até lá para ter a certeza. Ides precisar ainda de mim esta noite, meu senhor? — perguntou, virando-se para Uriens. — Ou posso também ir descansar?

Como única resposta, ouviu-se um rressonar baixinho, e o camareiro, Huw, ajeitando as almofadas ao velho senhor, respondeu:

— Ide, Lady Morgaine. Se ele acordar de noite, eu tomo conta dele.

Enquanto se afastavam, Accolon perguntou:

— Qual é o mal de meu pai?

— Teve uma pneumonia este inverno — disse Morgaine —, e já não é novo...

— E vós é que tivestes de suportar todo o peso de tratar dele — disse Accolon. — Pobre Morgaine... — e tocou-lhe ao de leve na mão; o tom de voz era tão terno que ela teve de morder os lábios. Algo de duro e frio que havia dentro de si, congelado durante todo o inverno, começou a fundir-se e recebeu desfazer-se em lágrimas. Curvou a cabeça sem olhar para ele.

— E vós, Morgaine... nem uma palavra, nem um olhar para mim? — Estendeu a mão e tocou-lhe; ela respondeu por entre dentes:

— Espera.

Chamou uma criada, para pôr fronhas lavadas nos almofadões e trazer um ou dois cobertores da rouparia.

— Se tivesse sabido que vinhas, tinha mandado pôr a melhor roupa de cama e fazê-la de novo com palha fresca.

— Não é palha fresca que quero na minha cama — disse ele, muito baixo. Mas ela recusou-se a encará-lo, enquanto as criadas faziam a cama de lavado, traziam água quente e luz, e lhe penduravam a armadura e outros atavios.

Um momento depois de se terem ido todos embora, ele perguntou:

— Mais tarde, posso ir ter convosco ao vosso quarto, Morgaine?

Ela abanou a cabeça e respondeu, também num murmúrio:

— Virei eu ter contigo... Eu posso ter desculpa para estar fora do quarto a meio da noite; mas, desde que o teu pai está doente, vêm muitas vezes chamar-me ao quarto... Não podem encontrar-te lá. — Apertou-lhe os dedos rapidamente, sem dizer mais nada. Foi como se as mãos dele a queimassem. Em seguida, na companhia do camareiro, deu uma última volta pelo castelo, para se assegurar de que estava tudo bem fechado e em segurança.

— Que Deus vos dê uma boa noite, senhora — disse o homem, fazendo uma vénia; e afastou-se.

Ela passou em bicos de pés pelo salão onde os homens de armas dormiam, movendo-se sem fazer qualquer ruído. Subiu as escadas, passou o quarto onde Avalloch dormia com Maline e as crianças mais novas, o quarto onde o pequenito Conn dormira com o seu tutor e os irmãos de leite, antes de sucumbir à pneumonia. Na ala mais afastada, ficava o quarto de Uriens, o que agora ela ocupava, outro destinado habitualmente às visitas de importância e, na extremidade, aquele em que deixara Accolon. Foi para o seu quarto, com a boca seca, esperando que ele se tivesse lembrado de deixar a porta aberta. As paredes eram antigas e grossas, e não havia maneira de a poderem ouvir se estivesse a porta fechada.

Olhou para dentro do quarto, entrou e remexeu rapidamente a roupa da cama. A sua camareira, Ruach, era velha e surda; no inverno que findara, Morgaine tinha-a amaldiçoado várias vezes pela sua surdez e estupidez, mas agora isso convinha-lhe bastante... De qualquer modo, não queria que ela acordasse de manhã e visse que a sua cama não tinha sido usada; até mesmo a velha Ruach sabia que o rei Uriens não se encontrava suficientemente bem de saúde para poder compartilhar o leito com a rainha.

Quantas vezes já disse para comigo que não tenho de me envergonhar daquilo que faço... No entanto, não podia deixar que o seu nome fosse envolvido num escândalo, ou deitaria tudo a perder. O que detestava era a necessidade de se sujeitar ao fingimento.

Ele tinha deixado a porta aberta de par em par. Morgaine entrou rapidamente, com o coração a bater como louco, e fechou logo a porta. Sentiu-se imediatamente presa por um abraço faminto que lhe despertava o corpo impetuosamente para a vida. A boca dele pressionou a sua, como se tivesse tido tanto desejo daquilo como ela própria... Pareceu-lhe que toda a desolação e amargura do inverno desaparecia; sentia-se como gelo a derreter numa torrente que se precipitava e ameaçava transbordar... Apertou o corpo com força contra o de Accolon e esforçou-se por reter as lágrimas.

Toda a sua determinação em que Accolon não fosse para ela mais do que um sacerdote da Deusa, e em não permitir que existisse entre eles qualquer laço pessoal, ficara reduzida a nada diante daquela fome selvagem que a dominava.

Sentira tanto desprezo por Gwenhwyfar, por ter sido causa de escândalo na corte, e por ter tornado o marido objeto do ridículo, não sendo capaz de meter na ordem a mulher... Mas agora, nos braços de Accolon, todas as suas resoluções pareciam desvanecer-se. Mergulhou profundamente no abraço que lhe dava, e deixou que ele a levasse ao colo para o leito.



A noite já ia avançada quando Morgaine deslizou para fora da cama de Accolon. Estava profundamente adormecido e ela passou-lhe suavemente a mão pelo cabelo, deu-lhe um beijo ao de leve, e esgueirou-se para fora do quarto. Não tinha dormido: receara fazê-lo e ser surpreendida ali, quando já fosse dia.

Faltava pouco mais de uma hora para o Sol nascer. Morgaine esfregou os olhos cansados. Algures, lá fora, um cão ladrou, uma criança choramingou e foi acalmada, e os pássaros começaram a pipilar no jardim. Chegou-se junto de uma estreita abertura na parede de pedra, e olhou para fora, pensando: *Daqui a uma lua, será já pleno dia a esta hora.* Por um momento, deixou-se estar encostada à parede, imersa em recordações da noite que passara.

Nunca soube, pensou, nunca tinha experimentado a sensação de ser apenas mulher. Dei à luz um filho, fui casada durante catorze anos e tive vários amantes... mas não sabia nada, nada...

De súbito, sentiu uma mão áspera agarrar-lhe num braço. E ouviu a voz rouca de Avalloch:

— Que andas tu a fazer, esgueirando-te pela casa a uma hora destas, rapariga?

Tinha-a evidentemente tomado por uma das criadas; algumas eram baixinhas e morenas, com o sangue dos antigos.

— Larga-me, Avalloch — disse ela, olhando para a face indistinta do

seu enteado mais velho. Era pesado e balofo, com as queixadas gordas, os olhos pequeninos e muito juntos. Accolon e Uwayne eram homens bonitos, e podia ainda perceber-se que, em tempos, Uriens também teria sido uma boa figura, à sua maneira. Avalloch não.

— Pois bem, senhora minha mãe! — disse ele, dando um passo para trás e fazendo uma vénia exagerada. — Repito: que estais aqui a fazer a estas horas?

A sua mão ficara-lhe pousada no braço e ela sacudiu-a como se fosse um percevejo.

— Quer dizer que agora tenho de te dar conta daquilo que faço? Estou na minha casa e ando nela conforme me apetece; é esta a única resposta que te dou. — *Ele não gosta de mim, pensou, detesta-me quase tanto como eu o detesto a ele.*

— Não queirais brincar comigo, minha senhora — disse Avalloch. — Pensais que não sei nos braços de quem passastes a noite?

— O quê? Então agora és tu que brincas aos feiticeiros e à Visão? — perguntou, com desprezo.

A voz dele baixou de tom e tornou-se brandiciosa:

— Claro que deve ser muito aborrecido para vós ser casada com um homem com idade suficiente para ser vosso pai... Mas eu não ia ferir os sentimentos do meu pai contando-lhe onde é que a mulher dele passa as noites, desde que... — Passou-lhe um braço em volta da cintura e puxou-a para si à força. Baixou a cabeça e mordiscou-lhe o pescoço, com a face mal barbeada a arranhar-lhe a pele — ... desde que venhais ter comigo e passeis também algumas na minha cama.

Ela conseguiu libertar-se, e tentou dar um tom de gracejo à voz:

— Ora, Avalloch, porque é que hás de cobiçar a tua velha madrastra, quando tens a Donzela da Primavera para te entreteres, e ainda todas as raparigas bonitas da aldeia?

— É que eu sempre vos olhei como uma mulher bonita — disse ele, avançando uma mão para lhe afagar o ombro e introduzindo-a depois na abertura do roupão semiaberto.

Ela voltou a empurrá-lo, e a cara dele contorceu-se, prosseguindo depois, quase num rosnido:

— Para quê fazer de menina virtuosa comigo? Estivestes com Accolon, com Uwayne, ou com ambos ao mesmo tempo?

— Uwayne é meu filho! — respondeu ela, atónita. — Sou a única mãe de que ele se pode lembrar!

— E quereis que pense que isso é coisa para vos deter, Lady Morgaine? Falava-se à boca cheia na corte que éreis amante de Lancelet, e que tentáveis roubá-lo à rainha, que compartilháveis a cama de Merlim, que não tínheis hesitado em fazer amor desonestamente com o vosso próprio irmão, e que foi por isso que o rei vos mandou embora da corte, para que não pudésseis tentá-lo mais a afastar-se dos preceitos cristãos... Porque haveríeis de deter-vos em relação ao vosso enteado? Será que Uriens sabe que meretriz incestuosa tomou por mulher, senhora?

— Uriens sabe a meu respeito tudo o que precisa de saber — disse Morgaine, surpresa por ter a voz tão calma. — Quanto a Merlim, nenhum de nós era casado, e nenhum de nós liga nenhuma às regras de uma corte cristã. O teu pai soube-o e absolveu-me disso. Ninguém, a não ser ele, tem o direito de me fazer observações sobre a minha conduta; e se o fizer, responder-lhe-ei devidamente. Mas a vós não preciso de responder, Sir Avalloch! Agora, vou para o meu quarto e peço-vos que vades para o vosso.

— Com que então, atirais-me à cara as regras pagãs de Avalon — ros-nou Avalloch. — Meretriz, como vos atreveis a dizer que sois tão boa... — Agarrou-a e esmagou-lhe a boca com a sua. Morgaine espetou-lhe os dedos na barriga, e ele largou-a com um ronco, amaldiçoando-a. Ela disse, zangada:

— Não digo que sou boa, nem que deixo de ser. Não tenho de te dar satisfações sobre a minha conduta e, se fores falar com Uriens, dir-lhe-ei como quiseste agarrar-me, com maneiras nada próprias para com a mulher de teu pai; e então veremos em quem é que ele acredita.

— Deixai-me dizer-vos, senhora — ros-nou Avalloch —, que podeis enganar o meu pai como quiserdes, mas ele está velho e, no dia em que eu for proclamado rei destas terras, não haverá mais perdão para aqueles que continuaram a viver à vontade, só porque o meu pai não consegue esquecer-se de que um dia também usou as serpentes.

— Oh, mas que estranho! — disse Morgaine, desdenhosa. — Primeiro, fazes avanços à mulher do teu pai, e depois gabas-te do cristão exemplar que vais ser, quando as terras do teu pai forem tuas!

— Tu é que me enfeiteçaste... meretriz!

Morgaine não conseguiu conter uma gargalhada.

— Enfeitei-te, a ti? E porquê? Avalloch, se todos os homens desaparecessem da Terra menos tu, mais depressa era capaz de partilhar a minha cama com um dos cachorrinhos! Pode ser que o teu pai tenha idade suficiente para ser meu avô, mas prefiro mil vezes ir para a cama com ele do

que contigo! Pensas que tenho ciúmes de Maline, quando, afinal, de cada vez que vais até à aldeia, nas colheitas, ou no Festival da Primavera, ela se põe a cantar de alegria? Se eu fizesse qualquer feitiço, não seria para gozar a tua virilidade, mas sim para a afastar! E agora, tira as mãos de cima de mim e vai-te embora para onde quiseres, porque se voltares a tocar-me, nem que seja só com um dedo, juro que te despojo da tua virilidade!

Ele acreditou que ela pudesse fazê-lo, o que ficou bem claro pela maneira como rapidamente se encolheu, afastando-se. Mas iria certamente contar tudo ao padre Eian, que depois lhe havia de vir fazer perguntas a ela, a Accolon, e aos criados; depois, havia de ir ter de novo com Uriens, insistindo para que mandasse deitar abaixo o bosque sagrado para assim poder suprimir o antigo culto. Avalloch não ia sossegar enquanto não tivesse virado a corte do avesso.

Odeio-o! Morgaine ficou surpreendida ao aperceber-se de que o seu ódio era físico, de tal modo que lhe provocava uma dor pungente debaixo do esterno e lhe punha o corpo todo a tremer. *Até agora tenho tido orgulho em poder dizer: uma sacerdotisa de Avalon não mente! Mas agora há qualquer coisa acerca da qual preciso de evitar a verdade. Até mesmo Uriens me ia ver como uma mulher traidora, a esgueirar-me em segredo para a cama de Accolon para satisfazer a minha luxúria...* Chorava de raiva, parecendo-lhe voltar a sentir as mãos quentes de Avalloch no braço e nos seios. Mais cedo ou mais tarde, havia de ser acusada e, mesmo que Uriens acreditasse nela, passaria a ser vigiada. *Ah, fui feliz pela primeira vez em muitos anos, e agora está tudo estragado...*

O Sol já estava a nascer; em breve os criados iam acordar, e ela precisava de fazer preparações para o trabalho desse dia. Teria ele estado apenas a tentar adivinhar? Uriens teria de ficar na cama durante esse dia, e Avalloch não ia decerto inquietar o pai. Tinha de ferver mais ervas medicinais para a ferida da cara de Uwayne, e a raiz de um dos dentes que ele perdera também devia ser arrancada.

Uwayne amava-a. Tinha a certeza de que não ia dar ouvidos a nenhuma acusação que Avalloch pudesse fazer. Nisto, sentiu de novo um acesso de fúria ao recordar as palavras de Avalloch: *«Estivestes com Accolon, com Uwayne, ou com ambos ao mesmo tempo?» Sou tão mãe de Uwayne como se eu o tivesse parido! Que espécie de mulher pensa ele que eu sou?* Teria mesmo corrido aquele rumor na corte, de que ela tinha cometido incesto com Arthur? *Se assim for, como posso eu levar Arthur a reconhecer Gwydion como seu filho? Galahad é o herdeiro de Arthur, mas o meu filho tem de ser*

reconhecido, e com ele a linhagem real de Avalon. Mas não pode haver mais escândalos a meu respeito, sobretudo nem a mais leve suspeita de que tenha cometido incesto com o meu enteado...

Depois, ponderou um pouco no que se passava consigo. Fora tomada por uma raiva desesperada ao saber que estava à espera de um filho de Arthur, e agora isso parecia-lhe uma coisa trivial. Ao fim e ao cabo, nem ela nem Arthur sabiam que eram irmão e irmã, naquela altura. Mas Uwayne, que não tinha qualquer laço de sangue com ela, era contudo muito mais seu filho do que Gwydion. Ela era, no fundo, a mãe de Uwayne...

Pois bem, agora já não havia nada a fazer. Foi até à cozinha, e ouviu o cozinheiro queixar-se de que já se acabara todo o *bacon* e de que as despensas começavam a estar tão vazias que era difícil conseguir alimentar todos aqueles hóspedes.

— Bem, então temos de mandar hoje Avalloch à caça — disse Morgaine.

Fez parar Maline, nas escadas, quando esta levava o vinho quente da manhã para o marido.

— Vi-vos falar com Avalloch — disse Maline. — Que é que ele tinha para vos dizer?

Franzia um pouco a testa, e Morgaine, lendo-lhe os pensamentos (o que era fácil com uma mulher tão estúpida como Maline), reparou que a nora a temia e invejava. Achava injusto que Morgaine pudesse conservar a sua linha esbelta e firme, enquanto ela, Maline, estava pesadona e gasta pelos repetidos partos. Achava injusto que Morgaine conservasse o seu lindo cabelo escuro, espesso e brilhante, enquanto ela, sempre ocupada com os bebés, nunca tinha tempo para pentear e escovar o seu para o tornar brilhante.

Morgaine respondeu-lhe com a verdade, desejando evitar ao mesmo tempo esses sentimentos na cunhada:

— Falámos de Accolon e de Uwayne. Mas as despensas estão quase vazias e Avalloch precisa de sair para caçar um javali.

Ao dizer isto, aquilo que tinha de fazer passou-lhe como um relâmpago pela mente e, por um momento, quedou-se e ficou completamente gelada, ouvindo a voz de Niniane soar no seu espírito com as palavras *Accolon deve suceder a seu pai*, e a sua voz a responder... Maline olhava-a na expectativa, esperando que acabasse o que estava a dizer, e Morgaine recompôs-se rapidamente, prosseguindo:

— Diz-lhe que deve ir à caça de um javali, hoje mesmo se puder, ou amanhã o mais tardar, senão em breve estaremos a comer o que resta de farinha.

— Claro que lho vou dizer, mãe — disse Maline. — Vai sentir-se feliz por ter uma desculpa para sair daqui.

Pelo seu tom de voz, Morgaine percebeu que ficara aliviada por não ser nada de pior.

Pobre mulher, casada com aquele porco! Recordou, perturbada, o que Avalloch lhe tinha dito: «*No dia em que eu for proclamado rei destas terras, não haverá mais perdão para aqueles que continuaram a viver à vontade, só porque o meu pai não consegue esquecer-se de que um dia também usou as serpentes.*»

Era esta, portanto, a sua missão: fazer com que Accolon sucedesse a seu pai, não por ela, nem por vingança, mas para bem do antigo culto que ela e Accolon tinham voltado a trazer àquela terra. *Se tivesse meia hora para contar tudo a Accolon, ele iria à caça com Avalloch; e não tenho qualquer dúvida de que isso resolveria tudo.* E pensou, friamente: *Deverei manter as mãos limpas em relação a este assunto e deixá-lo a cargo de Accolon?* Uriens estava velho; mas tanto podia viver mais um como mais cinco anos. Agora que Avalloch sabia de tudo, havia de recorrer ao padre Eian para que minasse qualquer influência que tanto Accolon como Morgaine pudessem ter, e então tudo o que fora feito teria sido em vão.

Se Accolon quer este reino, talvez seja a ele que compete trabalhar por isso. Se Avalloch morrer envenenado, eu é que serei executada como feiticeira. Contudo, se deixasse aquilo a cargo de Accolon... Tudo iria ficar demasiado parecido com a velha balada que começava assim: «Dois irmãos foram à caça...»

Deverei contar tudo a Accolon e deixá-lo agir ao sabor da raiva? Perturbada sem saber bem o que havia de fazer, subiu e foi encontrar Accolon no quarto do pai. Quando ia entrar, ouviu-o dizer:

— Hoje, Avalloch vai à caça do javali... As despensas estão quase vazias. Vou com ele. Há muito tempo que não vou à caça nas minhas colinas!...

— Não — cortou Morgaine, secamente. — Fica hoje com o teu pai. Ele precisa de ti, e Avalloch tem todos os seus batedores para o acompanharem.

Tenho de arranjar forma de lhe dizer o que tenciono fazer, pensou Morgaine. Mas, de súbito, deteve-se: se ele soubesse o que ela planeava (embora ela própria não soubesse ainda qual a ação que a necessidade iria exigir), nunca iria concordar, a não ser, talvez, no primeiro impulso de raiva, depois de ouvir o que Avalloch lhe dissera.

Mas se isso acontecesse, pensou ela, *embora eu o conheça demasiado bem para poder crer nisso, é porque a fome que tenho do seu corpo pode*

ter-me iludido, e ele ser menos cavalheiresco do que penso. Se ele consentisse em tomar parte neste assunto, tornar-se-ia um fratricida, sujeito à maldição que pune os fratricidas, e não um homem em quem posso confiar para fazer aquilo que temos de fazer. Avalloch só é meu parente por afinidade; não tenho com ele qualquer laço de sangue que possa ser desonrado. Só se tivesse dado um filho a Uriens, é que eu teria uma culpa de sangue. E ficou contente por não ter tido nenhum filho de Uriens.

— Deixai Uwaine ficar ao pé do pai — disse Accolon. — Se ainda está a tratar a ferida que tem na cara, é ele quem deve ficar em casa ao pé da lareira.

Como é que o hei de fazer compreender? As suas mãos têm de se manter limpas; ele tem de estar aqui quando a notícia chegar... Que hei de dizer-lhe para que perceba que isto é importante, talvez a coisa mais importante que alguma vez lhe possa vir a pedir? A urgência e a impossibilidade de lhe transmitir aquilo que pensava fizeram-na responder secamente:

— És capaz de fazer aquilo que te peço sem discutir, Accolon? Se tenho de me ocupar da ferida do teu irmão Uwaine, não posso arranjar tempo para tratar também do teu pai, e acho que nos últimos tempos ele tem estado entregue aos cuidados dos criados mais tempo do que devia! — *E, se a Deusa estiver comigo, ele há de precisar de ti a seu lado mais do que nunca, ainda antes de o dia findar...*

Tornou propositadamente as palavras um pouco indistintas, na esperança de que Uriens não compreendesse o que estava a dizer.

— Peço-to, como tua mãe — disse ela, mas o que estava a tentar transmitir a Accolon com toda a força do seu espírito era: *Ordeno-te, em nome da Deusa...*

— Obedece-me — disse ela. E, afastando-se um pouco de Uriens de modo a que só Accolon pudesse ver, tocou no crescente azul esmaecido que tinha na testa.

Accolon olhou-a, intrigado, interrogando-a com o olhar, mas ela limitou-se a dar meia-volta e a afastar-se, abanando ligeiramente a cabeça, e esperando que ele compreendesse, pelo menos, o motivo por que não podia falar livremente.

Accolon respondeu, franzindo o sobrolho:

— Certamente, já que o desejas tanto. Ficar junto do meu pai não é para mim tarefa pesada.

A meio da manhã, Morgaine viu Avalloch sair a cavalo, levando consigo quatro homens e, enquanto Maline se encontrava no salão de baixo,

esgueirou-se para dentro do quarto deles, procurando qualquer coisa no quarto desarrumado, por entre roupas sujas de bebê e fraldas do mais novinho, também ainda por lavar. Finalmente, encontrou uma pequena pulseira de bronze que já tinha visto Avalloch usar. Havia também algumas coisas de ouro no cofre de Maline, mas não se atreveu a tirar nada de valor cuja falta pudesse ser notada quando a criada viesse arrumar o quarto. Nesse momento, entrou a criada, que, ao vê-la ali, lhe perguntou:

— Que desejais, senhora?

— Não estou disposta a viver numa casa que parece um chiqueiro! — respondeu, fingindo-se zangada. — Olha para todas estas fraldas sujas, a cheirar a cocó de criança! Leva-as imediatamente para baixo e entrega-as à lavadeira, e depois deixa entrar o ar neste quarto, ou terei de ir pôr um avental e tratar eu própria de limpar tudo isto?

— Não, minha senhora — respondeu a criada, adúladora, pegando no molho de fraldas que ela tinha nos braços. Morgaine escondeu a pulseira de bronze dentro do corpete e desceu para dizer à cozinheira que aquecesse água para tratar da ferida de Uwaine. Primeiro tinha de tratar disso, e depois havia que organizar as diversas tarefas da casa, de modo a poder ter a tarde livre e ficar sozinha para o que tinha de fazer... Mandou chamar o melhor cirurgião, dizendo-lhe que trouxesse os seus apetrechos, e disse a Uwaine que se sentasse e abrisse a boca, para que ela visse a raiz do dente que estava partido. Ele suportou estoicamente a provação, embora o dente voltasse a partir-se no maxilar e fosse preciso remexer na gengiva ferida para arrancar o resto da raiz. Felizmente, estava meio dormente e inchado. Quando todos os pedaços de dente já tinham sido finalmente extraídos, ela deitou um pouco do seu analgésico mais forte na fenda e voltou a pôr uma nova cataplasma na face inchada. Por fim, tudo acabou, e ela ordenou a Uwaine que fosse de novo para a cama depois de um bom trago de álcool; ele protestou, dizendo que já tinha cavalgado e até combatido em pior estado, mas ela insistiu com firmeza, dizendo-lhe que se fosse deitar e deixasse os remédios fazerem efeito. Assim, também Uwaine ficava em segurança, fora do seu caminho e livre de qualquer suspeita. Como mandara as criadas lavar a roupa, também não estava lá nenhuma delas e Maline começou a lamentar-se.

— Se queremos ter fatos novos para o Pentecostes e se é preciso acabar a capa de Avalloch... Sei que não gostais de fiar, mãe, mas eu tenho de ir para o tear fazer a capa de Avalloch e as mulheres estão todas ocupadas a aquecer caldeiras de água para a lavagem e a ir buscar as pás de bater a roupa...

— Oh, pois é! Tinha-me esquecido disso — disse Morgaine. — Bem, não há outro remédio; nesse caso, terei de ir fiar; a menos que queiras que vá eu para o tear. — E pensou que seria ainda melhor do que a pulseira, uma capa feita à medida dele, pela própria mulher.

— Sereis capaz de fazer isso, mãe? Tendes a capa nova do rei para acabar, no outro tear...

— Uriens não precisa tanto dela como Avalloch — disse Morgaine. — Vou eu trabalhar na tecelagem da capa de Avalloch. — *E quando tiver terminado*, pensou, sentindo um calafrio passar-lhe pelo coração, *ele nunca mais vai precisar de outra capa...*

— Nesse caso, vou fiar — disse Maline — e fico-vos muito agradecida, mãe. Teceis muito melhor do que eu. — Aproximou-se e encostou a face à da sogra. — Sempre fostes boa para mim, Lady Morgaine.

Só não sabes é o que estarei a tecer esta tarde, filha.

Maline sentou-se e pegou na roca. Ficou parada um momento, apertando o fundo das costas com as mãos.

— Não estás bem?

— Não é nada — disse Maline. — Tenho as regras atrasadas quatro dias. Devo estar outra vez grávida. Tinha esperado poder amamentar o bebé mais um ano... — Suspirou. — Avalloch tem na aldeia mulheres que cheguem, mas penso que nunca perde a esperança de que lhe dê outro filho para tomar o lugar de Conn! Não liga nenhuma às meninas; nem sequer chorou quando a Maeva morreu, o ano passado, mesmo antes de eu dar à luz este último bebé; e, quando viu que era outra rapariga, ficou danado comigo. Morgaine, se realmente sabeis fazer feitiços, não me podíeis fazer um, para eu dar à luz um rapaz da próxima vez que engravidar?

Morgaine sorriu, fazendo correr a lançadeira pelos fios. Depois, disse:

— O padre Eian não ia gostar disso, se soubesse que me andas a pedir feitiços. Havia de dizer-te que deves rezar à Virgem Maria para te dar um filho.

— Bem, o filho dela foi um milagre, e eu começo a pensar que, se vier a ter outro, há de ser também um milagre — disse Maline. — Mas talvez seja apenas o efeito deste tempo frio e doentio.

— Eu faço-te um chá para isso — disse Morgaine. — Se realmente estiveres à espera de bebé, juro-te que não te fará mal nenhum e, se for só um atraso motivado por um resfriado, fará com que as regras te apareçam normalmente.

— É uma das vossas poções mágicas de Avalon, mãe?

Morgaine abanou a cabeça.

— É apenas conhecimento das plantas, nada mais — disse ela, dirigindo-se à cozinha para pôr a beberagem a ferver ao lume.

Trouxe uma das suas tigelas a Maline e disse:

— Bebe-a o mais quente que possas suportar, e embrulha-te bem no xaile enquanto fias; tenta manter-te quente.

Maline bebeu até esvaziar a tigela de barro, fazendo uma careta ao sentir o gosto. — Bah, sabe mal!

— Podia ter-lhe posto um pouco de mel, como faço com os chás que dou às crianças quando têm febre — disse Morgaine, sorrindo.

Maline suspirou e voltou a pegar na roca e no fuso, dizendo:

— Gwyneth já tem idade suficiente para fiar. Eu já era capaz de fiar aos cinco anos.

— Também eu — disse Morgaine —, mas peço-te que deixes a lição para outro dia. Se vou ficar aqui a tecer, não quero ouvir barulho e confusão.

— Bem, então vou dizer à ama que ponha as crianças todas no terraço, lá fora — disse Maline.

Morgaine varreu-a imediatamente do espírito, começando a passar vagarosamente a lançadeira e dando muita atenção ao padrão do tecido: era aos quadrados verdes e castanhos, o que não exigia muito de uma boa tecelã. Desde que fosse contando os fios automaticamente, não precisava de manter o espírito ocupado na tarefa. Fiar teria sido melhor. Mas ela tornara tão conhecida a sua aversão à tarefa de fiar que, se se oferecesse nesse dia para o fazer, o facto viria a ser recordado mais tarde.

A lançadeira deslizava por entre os fios: verde, castanho, verde, castanho; pegava na outra lançadeira de dez em dez fios e mudava de cor. Tinha ensinado Maline a tingir os fios daquele tom de verde, como aprendera em Avalon... Verde das folhinhas novas que apareciam na primavera, e castanho da terra e das folhas caídas, onde o javali deambulava à procura de bolotas... A lançadeira a deslizar pelo tecido, o pente a ajustar cada fileira de fios, as mãos a moverem-se automaticamente, para dentro, para fora: «Atravessa, desce a régua, vai buscar a lançadeira ao outro lado...» *Quem me dera que o cavalo de Avalloch escorregasse e caísse, e que ele partisse o pescoço e me poupasse àquilo que tenho de fazer...*

Sentiu frio e estremeceu, e esforçou-se por ignorá-lo, concentrando-se na lançadeira a deslizar por entre os fios, para dentro e para fora, deixando as imagens aparecerem e desaparecerem livremente, fazendo-a ver Accolon no quarto de Uriens a jogar às damas com o pai, Uwayne a dormir,

agitando-se e virando-se na cama com dores na face ferida apesar do analgésico, mas com a ferida já a sarar, bem limpa... *Quem me dera que um javali selvagem contra-atacasse e que os caçadores de Avalloch levassem tempo de mais a acorrer em sua ajuda...*

Disse a Niniane que não mataria. Nunca digas: «Desta água não beberei...» Uma imagem do Poço Sagrado de Avalon apresentou-se-lhe ao espírito: a água a brotar da nascente, correndo para a fonte. A lançadeira tremeluzia, para dentro e para fora, verde e castanho, verde e castanho, como a luz do Sol brilhando por entre as folhas verdes sobre a terra castanha, onde as águas da primavera que subiam no seio da floresta transportavam a vida, a seiva que fluía nos troncos castanhos... A lançadeira tremeluzia, mais depressa, cada vez mais depressa, e o mundo começava a ficar desfocado aos seus olhos... *Deusa! Tu que corres na floresta com a vida galopante do veado... Todos os homens estão nas Tuas mãos, e todos os animais...*

Anos atrás, tinha sido a Virgem Caçadora que abençoara O-Dos-Chifres e o mandara juntar-se aos outros veados para conquistar ou morrer, conforme a Deusa decretasse. Ele regressara para ela... Agora, já não era essa Virgem, com todo o poder da Caçadora. Como a mãe, que possui todo o poder da fertilidade, urdida feitiços para levar Lancelet ao leito de Elaine. Mas, para ela, a maternidade findara com o sangue derramado no nascimento de Gwydion. Agora, estava ali sentada com a lançadeira na mão, fazendo as teias da morte, tal como a sombra da velha figura da morte. *Todos os homens estão nas Tuas mãos, para viver ou morrer, Mãe...*

A lançadeira tremeluzia, faiscava para dentro e para fora à vista dela, verde, castanho, verde, tal como as folhas e a floresta entrelaçadas, onde os animais corriam... O javali selvagem fungando, grunhindo e fossando no chão com os compridos colmilhos, a fêmea com as crias a correrem atrás, entrando e saindo das pequenas matas espessas... A lançadeira corria-lhe nas mãos e ela nada via; ouvia apenas o resfolegar do animal na floresta.

Ceridwen, Deusa, Mãe, Figura da Morte, Grande Corvo... Senhora da morte e da vida... Grande Porca, devoradora dos próprios filhos... Invoco-Te, chamo-Te... Se é isso realmente o que decretaste, compete-Te a Ti consumá-lo... O tempo deslizava e mudava à sua volta; e viu-se nos caminhos da floresta com o sol a queimar-lhe as costas, enquanto corria com o Rei Veado; movia-se suavemente por entre a floresta, fungando, fungando; cheirava a vida; os caçadores avançavam pesadamente e gritavam: *Mãe! Grande Porca!...*

Morgaine sabia, num canto perdido do seu espírito, que as suas mãos

continuavam a mover-se regularmente, verde, castanho, mas debaixo das pálpebras cerradas não via nada da sala ou dos fios: apenas o verde novo que brotava sob as árvores, a lama e as folhas mortas castanhas do inverno; avançava, era como se fosse ela que avançava, fossando no chão, a quatro patas, na lama fragrante... *Há vida da Mãe, aqui, debaixo das árvores...* Atrás dela os grunhidos e os guinchos dos porquinhos, com as presas a remexerem o solo à procura de raízes ocultas e bolotas... *Castanho e verde, verde e castanho...*

Como um choque nos nervos, como se lhe trespassasse o corpo, sentiu o som dos passos pesados que avançavam pela floresta, os gritos distantes... O seu corpo ficou imóvel; sentada diante do tear, tecendo fios castanhos e alternando-os com verdes, lançadeira após lançadeira, somente os seus dedos tinham vida mas, com uma crescente sensação de terror e um acesso de raiva, dilatou-se, deixando que a vida do javali a percorresse...

Deusa! Não permitas que os inocentes sofram... Os caçadores não são nada para Ti... Não podia fazer nada; observava, cheia de horror, a tremer, agoniada pelo cheiro do sangue, do seu companheiro... sangue que corria do grande javali macho; mas isso não era nada para ela; tal como o Rei Veado, tinha de morrer... Quando chegava a hora, o seu sangue tinha de ser derramado sobre o solo... Por detrás dela, ouviu os guinchos das crias aterrorizadas e, subitamente, a vida da Grande Deusa fluíu nela como uma torrente; já não sabia se era Morgaine, se a Grande Porca; ouvia o seu próprio grunhir enlouquecido — tal como em Avalon, quando tinha erguido os braços e trazido até si as brumas da Deusa. Atirou a cabeça para trás, a tremer, a grunhir, sentindo o terror das suas crias, fazendo pequenas arremetidas curtas, levantando a cabeça, correndo em círculos... Verde e castanho sob os seus olhos, uma insignificante lançadeira movida por dedos automatizados, passando despercebida... E de súbito, enlouquecida pelos odores estranhos que sentia, sangue, ferro, coisas estranhas, o inimigo que se erguia sobre duas pernas, aço, sangue e morte, sentiu-se a si própria a dilatar-se, ouviu gritos, sentiu a ardente estocada do metal e o vermelho embaciou-lhe os olhos, misturando-se com o castanho e o verde da floresta; sentiu os colmilhos despedaçarem-se-lhe e uma golfada de sangue quente jorrar para fora de si, enquanto a vida lhe fugia numa dor dilacerante; depois, não sentiu mais nada... E a lançadeira continuava, pesada como chumbo, tecendo castanho, e verde, e castanho, sobrepondo-se à agonia que sentia no ventre, ao nevoeiro vermelho que lhe obscurecia a visão e ao bater desordenado do coração, com os gritos a ressoarem-lhe ainda nos

ouvidos, dentro da sala silenciosa onde não se ouvia nada que não fosse o sussurro da lançadeira, urdindo a teia do tecido, do fuso, da roca... Vacilou silenciosa no seu transe, exausta... Caiu para a frente, por cima do tear, e aí ficou imóvel. Passado algum tempo, ouviu Maline falar, mas não se mexeu nem respondeu.

— Ah! Gwyneth, Morag!... Mãe, estais doente? Ah, céus, tinha de te-
cer! E faz-lhe sempre este efeito... Uwaine! Accolon! Venham cá! A mãe
caiu para cima do tear...

Sentiu a mulher dar-lhe repetidas pancadinhas nas mãos, a chamá-la pelo nome, ouviu a voz de Accolon, e sentiu que ele pegava nela nos braços e a levava. Não se moveu, nem falou. Não podia. Deixou que a deitassem na cama e lhe trouxessem um pouco de vinho para a reanimar, sentiu-o escorrer-lhe pela garganta e quis dizer que estava bem, que a deixassem, mas ouviu-se emitir um grunhido assustado e decidiu ficar calada, tomada pela maior agonia, sabendo que tinha de sofrer primeiro as agonias da morte para depois ser libertada, por essa morte, pela Grande Porca... E mesmo enquanto continuava ali deitada, cega, em transe, angustiada, ouvia a trompa dos caçadores e sabia que estavam a trazer Avalloch para casa, morto, deitado em cima do cavalo, ferido de morte pelo javali fêmea que o tinha atacado, momentos depois de ele ter matado o seu companheiro... E ele, por sua vez, matara o javali fêmea... Morte, sangue, renascimento e o fluxo da vida para dentro e para fora da floresta, como o movimento para dentro e para fora da lançadeira...

Haviam-se passado algumas horas. Continuava a não poder mexer um músculo sem sentir dores terríveis e dilacerantes. Mas quase as agradecia. *Não ficarei completamente livre das consequências desta morte, mas as mãos de Accolon estão limpas...* Levantou o olhar para os olhos dele. Estava debruçado sobre ela, olhando-a com preocupação e receio e, por um momento, encontravam-se a sós.

— Já sois capaz de falar, meu amor? — perguntou ele, em voz baixa. — Que foi que aconteceu?

Ela limitou-se a abanar a cabeça, sem poder falar. Mas o toque das mãos dele era suave e sabia-lhe bem. *Sabes que o fiz por ti, meu querido?*

Ele baixou-se e beijou-a. Nunca saberia como tinham estado perto de serem desmascarados e derrotados.

— Tenho de voltar para junto do pai — disse ele, com meiguice e

perturbado. — Ele chora, e diz que se eu tivesse ido também, o meu irmão não teria morrido. Há de culpar-me sempre por isso. — Pousou nela, com insistência, os olhos escuros, com uma sombra de inquietação. — Fostes vós quem me ordenou que não fosse — disse. — Sabíeis o que ia acontecer, pela vossa magia, minha adorada?

Ela encontrou ainda um fio de voz para lhe responder, no meio das dores que lhe causava a garganta ferida:

— Foi a vontade da Deusa, para que Avalloch não destruísse o que fizemos aqui.

Conseguiu, com dores terríveis, mover um dedo, contornando o desenho da serpente tatuada na mão que lhe aflagava a face.

A expressão dele alterou-se, tornando-se subitamente aterrada.

— Morgaine! Tivestes alguma participação nisto?

Ah! Eu já devia calcular a maneira como ele me iria encarar se soubesse...

— Como podes perguntá-lo? — sussurrou ela. — Estive todo o dia no salão, a tecer, bem à vista de Maline, dos criados e das crianças... Foi a vontade Dela e obra Dela, não minha.

— Mas sabíeis, não sabíeis?

Devagar, com os olhos a encherem-se-lhe de lágrimas, ela fez que sim com a cabeça; ele curvou-se e beijou-a nos lábios.

— Assim seja. Foi a vontade da Deusa — disse ele, afastando-se.